

# **O IMPACTO DA VIOLÊNCIA NA PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA - NITERÓI-RJ<sup>1</sup>.**

Cristina Oliveira Maia<sup>2</sup>  
Marcelo Barboza Duarte<sup>3</sup>

## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo verificar como educandos da Rede Pública de ensino do Município de Niterói/RJ percebem o fenômeno da violência nas suas comunidades e como esta percepção se evidencia em seus discursos. Para isso foi aplicado um questionário semiestruturado com questões objetivas e uma discursiva, no qual foi respondido por 120 estudantes com idades entre 13 e 17 anos da Rede Estadual de Ensino de escolas da Zona Norte de Niterói, estado do Rio de Janeiro. As respostas às questões objetivas foram analisadas quantitativamente e à questão discursiva por meio de técnica categorial, onde as categorias eram os itens escolhidos nas respostas dos estudantes. As questões discursivas foram analisadas qualitativamente, gerando uma análise quanti-qualitativa. Verificamos também resultados de pesquisas análogas, e a discussão foi construída à luz dos teóricos Albert Bandura, Michel Foucault e Lev Vygotsky, no qual se mostrou que nossos dados são suportados pela literatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação; escola; percepção; violência; ambiente.

## **THE IMPACT OF VIOLENCE ON THE PERCEPTION OF STUDENTS OF BASIC EDUCATION - NITERÓI-RJ**

## **ABSTRACT**

This study aims to verify how students of the Public Education Network of the Municipality of Niterói / RJ perceive the phenomenon of violence in their communities and how this perception is evident in their speeches. For this purpose, a semi - structured questionnaire with objective questions and a discursive questionnaire were applied, in which 120 students aged 13 to 17 years were answered from the State School Network of Schools in the Northern Zone of Niterói, Rio de Janeiro state. The answers to the objective questions were analyzed quantitatively and to the discursive question by means of categorial technique, where the

---

<sup>1</sup> Este Artigo se refere ao resumo da dissertação de Mestrado pelo Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo de Meis da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cujo título foi: O impacto da violência urbana na percepção de estudantes da Educação Básica do município de Niterói-RJ.

<sup>2</sup> Atualmente Professora Adjunta do Departamento de Biodiversidade, Evolução e Meio ambiente da Universidade Federal de Ouro Preto-MG, pertence ao quadro de docentes permanentes e orientadores dos Programas de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências do ICEB/ UFOP e em Educação, Gestão e Difusão em Biociências do IBqM/ UFRJ. Articuladora do texto do Currículo Mínimo implantado nas escolas pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro em 2012.

<sup>3</sup> Mestre em Educação, Gestão e Difusão em Biociências pelo Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Especializado em Filosofia pelo Departamento de Pós-Graduação Lato-Sensu da Universidade Gama Filho (UGF); Licenciado em Pedagogia Plena com Habilitação ao Magistério das Disciplinas Pedagógicas do Ensino Fundamental e Médio, Orientação, Supervisão e Administração Educacional pela Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF).

categories were the chosen items in the answers of the students. The discursive questions were analyzed qualitatively, generating a quanti-qualitative analysis. We also found results of similar researches, and the discussion was constructed in the light of the theorists Albert Bandura, Michel Foucault and Lev Vygotsky, in which it was shown that our data are supported by the literature.

**KEYWORDS:** education; school; perception; violence; environment.

## **EL IMPACTO DE LA VIOLENCIA SOBRE LA PERCEPCIÓN DE LOS ESTUDIANTES DE EDUCACIÓN BÁSICA - NITERÓI-RJ**

### **RESUMEN**

Este trabajo tiene como objetivo verificar como educandos de la Red Pública de enseñanza del Municipio de Niterói / RJ perciben el fenómeno de la violencia en sus comunidades y cómo esta percepción se evidencia en sus discursos. Para ello se aplicó un cuestionario semiestructurado con cuestiones objetivas y una discursiva, en el cual fue respondido por 120 estudiantes con edades entre 13 y 17 años de la Red Estadual de Enseñanza de escuelas de la Zona Norte de Niterói, estado de Río de Janeiro. Las respuestas a las cuestiones objetivas fueron analizadas cuantitativamente ya la cuestión discursiva por medio de técnica categorial, donde las categorías eran los ítems elegidos en las respuestas de los estudiantes. Las cuestiones discursivas se analizaron cualitativamente, generando un análisis cuantitativo. En el presente trabajo se analizaron los resultados de investigaciones análogas, y la discusión fue construida a la luz de los teóricos Albert Bandura, Michel Foucault y Lev Vygotsky, en el que se mostró que nuestros datos son soportados por la literatura.

**PALABRAS CLAVE:** educación; la escuela; la percepción; la violencia; medio ambiente.

### **Introdução**

A presente proposta se deu para a verificação da percepção da violência por parte de estudantes com faixa etária entre 13 a 17 anos de idade no Município de Niterói – RJ, no foi delimitado como campo de estudos uma escola da rede pública estadual localizadas na zona norte do referido Município.

A pesquisa foi realizada durante o ano de 2014, no qual foram propostos questionários como instrumento de verificação e coleta de dados, além da observação do pesquisador. Os dados foram comparados a outras abordagens, pesquisas e teorias relacionadas com a proposta aqui exposta. Para tanto, abordados 120 alunos de 13 a 17 anos de idade e de diferentes séries e turmas do período da manhã e da tarde da escola, no qual os mesmos responderam ao questionário estruturado semiaberto e composto de cinco páginas, sendo com perguntas objetivas e discursivas. As perguntas do questionário variavam desde

algumas identificações que apresentassem o perfil dos estudantes, mas não suas identidades, bem como suas preferências e gostos pessoais, comportamentos sociais, aptidões, capacidades, observações e avaliações pessoais sobre a escola, sobre os professores, do conteúdo escolar, da aprendizagem e dentre outros.

Entretanto, a orientação da proposta da pesquisa estava voltada para a caracterização da violência e sua percepção por parte dos estudantes. Mas ao se realizar a coleta e a análise dos dados se verificou não apenas fatos que corroborassem ou correspondessem com o fulcro do problema, mas sobretudo outros fatores que poderiam ser mecanismos de desencadeamento da violência e de violências nos espaços escolares. Logo, questões e exposições sobre práticas ilícitas, uso de drogas lícitas e ilícitas, trabalho e violências foram abordados e descritos.

Porém, vale ressaltar desde já que a criação das categorias não partiu da perspectiva e ou proposta do pesquisador, mas as mesmas se deram e foram construídas a partir da análise das revelações, exposição e descrição dos estudantes pesquisados, no qual foram descrevendo-as em forma de categorias e na mesma linha de uma determinada pergunta, inclusive os respondentes não tiveram contato com os outros de outras series, turmas e escolas. E isso nos chamou a atenção, pois os 120 respondentes foram escrevendo de modo que se originou a categoria que mais nos trouxe preocupação, tanto com suas vivências, percepções, experiências e saúde. Cheguei a me indagar se os educados de tal região não estariam em exposição tal a violência que necessitariam de atendimento especializado.

Destaco também que houve toda uma metodologia e técnicas bem específicas tanto para e na abordagem dos entrevistados quanto durante o procedimento para e de coleta de dados. Sendo desse modo para que se desenvolvesse a empatia entre os pares, no qual se deu de forma bastante acolhedora entre ambos, pesquisador e pesquisados. Pois o pesquisador além de ser um ex-menor que viveu em condições de vulnerabilidade social e de práticas ilícitas e criminosas, também é originário de regiões consideradas áreas de risco pelas autoridades de segurança pública, e no qual viveu e experienciou inúmeros casos e situações de violências em vários sentidos, âmbitos e aspectos.

Com isso, o pesquisador relatou sua vida, trajetória e formação como uma espécie de palestra para cada turma que iria responder ao questionário da pesquisa. Inclusive o referido expressou suas expectativas com relação a vida e futuro dos estudantes, deixando transparecer sua positividade para com os tais de modo a elevar suas autoestimas, e não as crenças e valores negativos do pesquisador para com os mesmos, e sempre se utilizando da presença de

códigos de linguagem, conteúdos e processos que aproximassem os pares e assim mantivessem um ambiente agradável e de empatia por vários quesitos e motivos. E isso já é um fato também para uma nova pesquisa no sentido de método, abordagem e coleta de dados.

Seriam ou estariam as escolas de tal região (no caso os estudantes/alunos) como sendo um caso de saúde pública ou de necessidade de atendimento especializado de um agente de saúde, e no caso um psicólogo? Para maiores esclarecimentos e detalhes da pesquisa, seus métodos, instrumento, coleta de dados, tratamento dos dados e conclusões convido o leitor para adentrar no conteúdo aqui abordado. Uma vez que, os dados e a problemática que vai se evidenciar foi apenas em uma escola da região, inclusive com apenas 25% dos estudantes de 13 a 17 anos, que em seu total giram próximo de 480 alunos dentro de tal faixa etária.

### **O Cenário Social e a construção objetiva do sujeito**

Os indivíduos em formação passam certamente por uma série de influências. Algumas por observação, outras por orientação ou imposição. Teorias como as de Vigotski/Vygotsky e Bandura, tem inserção, em pesquisas onde são discutidas as relações sociais e de poder. Os processos disciplinadores dos sujeitos quase-sociais, aqui indivíduos, fazem parte da formação em casa e nas escolas, assim como entre outras instituições onde há tradicionalmente o controle de corpos, como em hospitais e prisões. Na sociedade contemporânea, a estrutura disciplinar de Michel Foucault (2012) indica uma vigilância constante de seus membros dentro de instituições formadoras desta mesma sociedade. Assim será em hospitais, presídios e também na escola, uma instituição social que é um reflexo da sociedade e do Estado. O Panóptico de Bentham, uma construção onde um observador central tem a facilidade de vigiar todos os ângulos, é um exemplo deste controle e apresenta uma estrutura que pode ser observada ainda hoje em muitas destas instituições (GUNDALINI, TOMIZAWA, 2013).

Por tais fatos, Foucault verificava que, por intermédio de instituições como hospitais, manicômios, prisões, escolas e asilos, se procurou excluir do cenário social as prostitutas, os mendigos, os doentes, os velhos e as crianças que vagavam pelas ruas, com o intuito de se reorganizar o espaço urbano, esconder da vida social as expressões fatídicas da miséria e manter maior controle social e político de toda a massa social. Segregando e excluindo tudo aquilo que poderia causar “a desordem, violência, indisciplina, vadiagem e vagabundagem”

no tecido social, controlado e disciplinado pela coerção burguesa (FOULCAULT, 2012, pág. 132).

Observa-se que a docilidade é necessária ao novo habitat moderno, à civilização ocidental, e é conquistada por mecanismos materiais simples e bem determinados; já que é o resultado óbvio de uma teoria do adestramento praticada no indivíduo moderno. A subjetividade domesticada constituirá o sistema de produção e reprodução em várias áreas, esferas, âmbitos e aspectos. Sendo a subjetividade domesticada auxiliadora na sustentação do sistema, alimentando-o, e bem como de toda a sua manutenção. Foucault nos quer deixar nítido que os mecanismos de coerção dos corpos estão sobre o tempo e o espaço.

Deleuze (1992) associou a ‘sociedade de controle’ a forças sociais surgidas de mudanças globais ligadas, principalmente, às inovações tecnológicas. O uso dessas novas tecnologias para o controle social seria a mais nova expressão do exercício do poder na sociedade moderna. A característica principal seria a amplificação da vigilância, que deixa de ter um caráter institucional e se torna uma vigilância geral, ou seja, alcança todos os espaços da vida, pública ou não. Neste ponto o símbolo do controle deixa de ser o panóptico e passa a ser a *web*, palavra inglesa que significa teia ou rede. Ela passou a ser conhecida como a rede que conecta computadores por todo mundo, a *World Wide Web* (WWW). Segundo Bauman (1999), esta rede, pela sua capacidade de controle de informações, acaba exercendo a função de um ‘superpanóptico’ e alcança qualquer lugar ou região, mesmo as ainda não conquistadas pela tecnologia, mas já mapeadas pelos instrumentos tecnológicos.

O mesmo Bauman (2008), continuando suas reflexões sobre as relações sociais modernas, nos remete a um sentimento que anda junto às questões desta era, o medo. Em **O medo líquido**, cita Lucien Febvre ao resumir o nascimento da Era Moderna (século XVI) quando diz “*Peur toujours, peur partout*” (“medo sempre e por toda parte”). O medo, segundo Bauman, “é um sentimento conhecido de toda criatura viva” e é necessário à sobrevivência, no entanto, novas formas de medo surgem a cada dia.

As questões discutidas por Bandura (2008), Vigotski (2000), Foucault (2012), Deleuze (2015), Bauman (1999), Pansarelli e Piza (2013) trazem elementos como os modelos, as relações sociais, o condicionamento, a disciplina, o medo e o controle, influenciando no desenvolvimento cognitivo, que demonstram como o ambiente social e as relações estabelecidas influenciarão na formação dos estudantes, tanto fora como no próprio espaço escolar.

Se este ambiente e as relações nele estabelecidas, segundo os autores citados, são importantes para o desenvolvimento do indivíduo, seria preciso conhecer e considerar estes aspectos ao avaliar estudantes em seus espaços escolares, sendo estes últimos, inclusive, influenciadores deste desenvolvimento. Não unicamente, mas também a casa, as relações familiares, a vizinhança, o bairro, o clube ou qualquer ambiente que lhe seja cotidiano e as relações que nele se estabeleçam, deverão participar deste processo de formação do sujeito.

Vimos que o fenômeno da violência é extremamente complexo e envolve aspectos relacionais, sociais, econômicos e políticos. Não temos como objetivo discutir com profundidade este fenômeno, mesmo porque ele não é o foco da nossa pesquisa, mas sim a percepção deste por crianças e adolescentes.

Arendt traz a racionalidade para os atos violentos, mostrando a intencionalidade na atitude violenta e descartando as ideias de impulsionalidade quando busca a consequência imediata nas ações. Evidencia na sua fala a necessidade de despertar alguma reação, ao realizar o ato violento, ainda que seja trazer somente visibilidade. Neste caso a violência pode ser repressora ou buscar exposição por manifestações facilmente detectáveis que, por outro lado, saber-se-ão reprimidas. Neste ponto Bataille (1987), assim como Clastres (2004), atribui este fenômeno aos seres humanos, afirmando não haver lugar para ele na natureza. Assim, começamos a compreender que a violência transpassa os espaços e relações humanas em suas mais variadas especificidades de associação. Por meio da legitimação do autoritarismo legalizado de uma classe social sobre a outra, culmina-se na imposição de regras, leis, normas e condicionamentos que poderão ser aceitos ou recusados de forma passiva ou relutante, e até mesmo violenta.

Portanto, há imediata necessidade de refletirmos sobre não apenas os termos ou definições que envolvem o fenômeno da violência com extensão, desdobramento e correspondência e até com atos agressivos e ilícitos ou criminosos, mas, sobretudo, suas características, extensão e operação no âmbito social, institucional e educacional. Assim, é preciso entender que este é um fenômeno inerente à humanidade, em variados âmbitos da existência. De acordo com Maffesoli (1944 apud SANTOS, 2009, p.17), basta “estarmos atentos à história humana para percebermos que a violência é a herança comum a todo e qualquer conjunto civilizacional, pois está inscrita na cena da história tanto nas sociedades primitivas, como nas mais recentes”, diz, concordando com Clastres (2004). Portanto, não há como negar que a violência esteja presente e que pode ocorrer em todas as sociedades, qualquer que seja a classe (CANDAUI, 2001).

O aumento da violência observado em escala mundial – sempre nas manchetes dos jornais diários de grande circulação – e o aumento dos números da violência no Brasil, são fatos que já justificariam esta pesquisa. No entanto, mais do que isso, a influência deste meio violento atinge diariamente estudantes, de crianças a adolescentes, que estão em pleno período de formação, para, ao atingir a idade adulta, serem capazes de se inserir satisfatoriamente na sociedade.

Como educador e tendo vivenciado o ambiente de áreas urbanas consideradas violentas quando criança e adolescente, interessei-me em tentar compreender se os adolescentes que vivem ainda nestas áreas, percebem atitudes relacionadas à criminalidade e à violência no meio em que vivem. A violência presente no ambiente externo à escola poderia ser um fator influenciador do comportamento dos estudantes? Buscamos suporte, principalmente, nas falas de Vigotski, Bandura e Foucault. O impacto direto e/ou indireto da violência sobre a vida dos educandos, expostos e suscetíveis, será ainda objeto de uma futura pesquisa, aprofundando o tema.

É nesse contexto que o texto apresenta algumas reflexões sobre a percepção de um grupo de estudantes da Educação Básica da Rede Estadual, localizada no município de Niterói, RJ, sobre a violência urbana na região onde vivem, através da identificação de diferentes tipos de violência pelos próprios estudantes, e a influência desta percepção no processo de aprendizagem e no comportamento destes mesmos adolescentes, à luz das teorias de aprendizagem e comportamento de Vigotski, Bandura e Foucault.

### **Fundamento Metodológico**

Ao privilegiar uma investigação de natureza descritiva e interpretativa, optamos por uma metodologia de pesquisa predominantemente qualitativa, embora tenhamos realizado alguma análise estatística, que foi desenvolvida de maneira descritiva. Este formato, realizado com alguma frequência, segundo Mercurio (1979 apud BOGDAN; BIKLEN, 1994,) não prejudica a análise dos dados e, em alguns casos é, inclusive, desejável (FIELDING; FIELDING, 1986 apud BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 63).

Numa perspectiva Bogdaniana e Bikleniana (1994), podemos concluir que a metodologia é de suma relevância para o desenvolvimento da pesquisa, tornando confiável a obtenção de seus dados e resultados, considerando um contexto real. Há uma observação na perspectiva qualitativa, que também é descritiva; interesse pelos processos e fenômenos, e não apenas nos

resultados; análise dos dados pelo processo indutivo e não dedutivo, uma vez que buscamos premissas anteriores em teorias já estabelecidas como as de Vigotski e Bandura; além das observações do pesquisador, de respostas reais obtidas por questionário e do trabalho acadêmico.

A ênfase na interpretação qualitativa dos dados deu a orientação para o fundamento metodológico deste trabalho, uma vez que buscávamos descrever uma realidade e desenvolver a compreensão por determinada situação. Por outro lado, na análise estatística procuramos encontrar relações entre variáveis observadas no estudo e encontrar fatos relacionados às respostas encontradas no instrumento investigativo utilizado.

A proposta de investigação foi desenvolvida somente após o recolhimento dos dados, segundo proposta metodológica descrita por Bogdan e Biklen (1994). Para descrever os dados utilizamos o material recolhido através do instrumento investigativo desenvolvido pelo pesquisador e algumas falas observadas durante o dia de aplicação deste instrumento. A amostra de indivíduos que participou da pesquisa foi acompanhada pelo pesquisador que realizou uma palestra com cerca de 20 minutos e observou todo processo de preenchimento do instrumento, mantendo aberta a possibilidade de fala e desenvolvendo uma empatia com ênfase de confiança.

Sendo assim, a pesquisa contou com momentos diferenciados que permitiram uma triangulação dos dados, considerando o momento de acolhimento do pesquisador, quando este se apresentou e realizou sua fala, o momento de fala dos estudantes, alguns ao reconhecerem a proximidade na fala do pesquisador e o momento de preenchimento do instrumento investigativo. Segundo Patton (1990 apud BAPTISTA, 2010) é importante manter uma perspectiva holística ao observar a compreensão do contexto social do indivíduo, por exemplo, e a experiência pessoal do investigador é essencial durante a investigação, assim como sua compreensão crítica acerca dos fenômenos. A estratégia indutiva para análise dos dados se deu uma vez que não houve hipótese previamente explicitada.

A pesquisa foi realizada numa das escolas da Rede Estadual, Zona Norte, Município de Niterói, Rio de Janeiro. A escola dos estudantes que participaram desta pesquisa situa-se no Município de Niterói/RJ. Verificamos as características relativas ao crescimento populacional, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e o Índice de Qualidade de Vida (IQV-UFF<sup>TM</sup>) deste município, com o objetivo de traçar o perfil do ambiente onde vivem estes estudantes.

A pesquisa foi realizada com 120 estudantes, com faixa etária entre 13 e 17 anos, de uma das escolas da Rede Estadual, Zona Norte, Município de Niterói, Rio de Janeiro. Com relação ao



perfil dos participantes, do total de respondentes 42,5% se declaram do sexo feminino e 57,5% do masculino. Destes, 51,7% declaram que os pais moram juntos e 92,7% que os mesmos trabalham fora. Temos ainda um dado preocupante, uma vez que 16% destes estudantes, todos menores, declaram trabalhar fora.

O instrumento investigativo foi aplicado nas turmas destes estudantes, desde o sexto ano (antiga 5ª série) do Ensino Fundamental ao 1º ano do Ensino Médio. O autor da pesquisa não era professor regente das turmas abordadas, mas teve acesso a estas, permitido pela direção da escola, ao aplicar o questionário. O instrumento investigativo escolhido foi um questionário semiestruturado desenvolvido pelo autor desta dissertação. O primeiro contato realizado com as turmas foi uma apresentação do pesquisador/entrevistador com uma breve palestra de cerca de 20 minutos por turma, traçando sua história de vida como menor infrator dos nove aos 17 anos de idade. Explicava o abandono da escola por várias vezes e por diversos motivos, até retornar e terminar a formação no Ensino Médio, após os 23 anos de idade. Foram também explicados os objetivos da pesquisa e informada a instituição que dava suporte para o desenvolvimento do trabalho.

Após tal abordagem, os estudantes tiveram um tempo para expor suas vivências e opiniões e também relataram fatos extra questionário, bem como diversos problemas, conflitos e adversidades. Infelizmente estes depoimentos não foram gravados ou transcritos, então a menção de alguns deles ao longo do texto é ilustrativa e indicativa da empatia causada pela apresentação do pesquisador. Mas este foi um momento rico em troca e reconhecimento mútuo.

Além das informações de perfil, o questionário inclui as seguintes questões, se já fizeram uso de algum tipo de droga, se ainda utilizam, se já foram convidados para algum trabalho ilícito ou fora da lei e se já se sentiram assediados por práticas ilícitas. Acompanhando estas questões objetivas, havia espaço para explicações voluntárias e falas espontâneas. Há também duas questões relativas a escola, onde perguntamos o que esperava da escola e o que mudaria nela. Por fim, foi solicitado que citassem cinco coisas que mais chamam a atenção no bairro em que moram ou que lhes causassem medo. Nesta questão, onde a resposta era discursiva, havia também possibilidade para comentários livres, como explicou a todos o pesquisador ao aplicar o questionário.

As análises foram realizadas segundo uma inferência indutiva, com ênfase na interpretação qualitativa dos dados, uma vez que buscávamos descrever uma realidade e desenvolver a compreensão por determinada situação, como já colocado anteriormente. Todas as respostas

objetivas e as categorias que os estudantes criaram para definir o que chamava atenção em seus bairros, foram organizadas em um banco de dados e contabilizadas. As respostas discursivas dadas como explicação às questões objetivas foram analisadas por amostragem de acordo com a necessidade de aprofundar temas relativos às questões. As amostras foram escolhidas de acordo com o tema tratado e a fundamentação teórica utilizada como base de diálogo.

A construção das categorias foi expressa e organizada pelos itens citados pelos estudantes, ao apresentarem de forma livre, porém objetiva, o que mais lhes chamava a atenção e causava medo em seus respectivos bairros. Desse modo, as categorias não estão edificadas sobre a subjetividade do pesquisador, mas sobre os itens escolhidos pelos pesquisados. Os dados citados foram comparados à literatura clássica e a outras pesquisas, semelhantes à nossa em algum aspecto, comparando resultados obtidos. A literatura clássica diz respeito às teorias de desenvolvimento e aprendizagem, particularmente, as teorias de aprendizagem de Vigotski, a modelação de Bandura e a Foucault quando discute o conceito de ‘corpos dóceis’ e tudo que envolve esta ideia, foram utilizadas na análise dos resultados. As emissões espontâneas de falas realizadas por alguns estudantes na ocasião da visita do pesquisador, após a palestra, foram utilizadas como complemento da discussão dos dados, apenas ilustrativo, uma vez que não tenham sido gravadas ou transcritas na ocasião da atividade.

## **Resultados e Discussão**

Organizamos os dados em seis tabelas e duas figuras. A discussão aqui construída, observando as respostas dos estudantes e analisando-as à luz da literatura, nos dá uma pequena ideia acerca da importância do ambiente social no desenvolvimento do indivíduo e no processo de aprendizagem. Cada informação foi comparada aos dados de perfil, relacionando-os como pode ser visto na Tabela 2, a seguir, na Tabela 3, e nas Tabelas 5 e 6.

Na Tabela 2 encontram-se organizadas as respostas relativas ao questionamento sobre uso de drogas. Cada variável de perfil foi comparada ao total de respostas dadas e verificamos se havia relação significativa entre estas variáveis e as respostas, positivas ou não.

**Tabela 2:** Distribuição do grupo de 120 adolescentes de uma escola da Rede Estadual, referente a declaração sobre uso de drogas, dado relacionado às variáveis de perfil. Niterói, RJ. 2013.

variáveis		n		%		p-value		
		indivíduos		Usou drogas	Nunca usou drogas			
Sexo	Masc. (n=69)	69	57,5	14	20,3	55	79,7	0,3495
	Fem. (n=51)	51	42,5	7	13,7	44	86,3	
	<b>TOTAL</b>	<b>120</b>	<b>100,0</b>	<b>21</b>	<b>17,5</b>	<b>99</b>	<b>82,5</b>	
Faixa Etária	13-14 (n=55)	55	45,8	5	9,1	50	90,9	0,0257*
	15-17 (n=65)	65	54,2	16	24,6	49	75,4	
	<b>TOTAL</b>	<b>120</b>	<b>100,0</b>	<b>21</b>	<b>17,5</b>	<b>99</b>	<b>82,5</b>	
Pais trabalham	sim (n=112)	112	93,3	18	16,1	94	83,9	0,1233
	não (n=8)	8	6,7	3	37,5	5	62,5	
	<b>TOTAL</b>	<b>120</b>	<b>100,0</b>	<b>21</b>	<b>17,5</b>	<b>99</b>	<b>82,5</b>	
Menor trabalha	sim (n=19)	19	15,8	6	31,6	13	68,4	0,0783
	não (n=101)	101	84,2	15	14,9	86	85,1	
	<b>TOTAL</b>	<b>120</b>	<b>100,0</b>	<b>21</b>	<b>17,5</b>	<b>99</b>	<b>82,5</b>	

\*p&lt;0,05

Observamos os valores percentuais relativos ao número de indivíduos que afirmaram haver utilizado drogas, de forma geral, ao menos uma vez e encontramos, nesta amostra, um percentual de 17,5%. Os valores calculados de p relacionados às variáveis sexo, faixa etária, pais trabalham e menor trabalha, mostram que a diferença foi significativa entre ‘os que usam e os que nunca usaram’ segundo a faixa etária ( $p < 0,05$ ), mas não foi significativa para as outras três variáveis, sexo, pais trabalham e menor trabalha ( $p > 0,05$ ) (TABELA 2).

Ainda que o número de indivíduos na faixa etária de 13 a 14 anos seja menor na nossa amostra, ao identificarmos como significativa a diferença entre este e o grupo de indivíduos de 15 a 17 anos podemos pensar na maior exposição que os mais velhos poderiam sofrer ou simplesmente, por serem mais velhos, estariam há mais tempo em contato com as possíveis ofertas. Embora as respostas dadas no questionário sejam declarativas e anônimas, estamos considerando aqui que eles tenham confiado na informação de isenção do pesquisador e que tenha havido uma empatia, ao menos momentânea. Ainda assim, há sempre a possibilidade dos mais novos temerem mais a exposição.

Sabemos que esses 17,5%, declarantes, podem não ser os únicos a terem utilizado até o momento da pesquisa algum tipo de droga, inclusive porque alguns jovens procuraram o pesquisador para se desculparem, mas afirmavam não terem coragem de expor esta informação, temendo represálias de pais ou responsáveis, a despeito da garantia dada pelo pesquisador de anonimato das informações prestadas por eles. É um temor natural e fundamentado, algumas vezes em experiências anteriores e outras no próprio medo. Como está na nossa epígrafe “O medo tem muitos olhos e enxerga coisas no subterrâneo.” De Miguel Cervantes de Saavedra em **Dom Quixote**. Esta foi uma citação colhida no livro de Bauman, **O medo líquido** (2008) onde o autor discorre sobre a questão do medo na sociedade

moderna e como altera e influencia no comportamento. Segundo Bauman o medo é necessário e, pode ser, inclusive, uma questão de sobrevivência. Aqui cabe também a análise de Foucault, quando estes estudantes demonstram este controle disciplinar em relação ao pesquisador, mesmo tendo sido informados sobre a liberdade que teriam de se expor.

Dando prosseguimento a este questionamento e aprofundando a questão, foi perguntado aos que afirmaram terem feito uso de algum tipo de droga uma vez, ao menos (21 estudantes, correspondendo a 17,5%), se ainda faziam uso. Dentre os 21, seis, correspondendo a 28,6%, afirmam continuar fazendo uso. Na Tabela 3, a seguir, encontramos somente os que já usaram ou ainda usam, segundo declaração prestada.

**Tabela 3:** Distribuição do grupo de 120 adolescentes de uma escola da Rede Estadual, referente a declaração sobre já terem feito uso e ainda utilizarem algum tipo de droga, dado relacionado às variáveis de perfil. Niterói, RJ. 2013.

variáveis		n	%	n	%	n	%	p-value
		Usou drogas		Ainda usa		Não usou mais		
Sexo	Masc. (n=69)	14		5	35,7	9	64,3	0,3055
	Fem. (n=51)	7		1	14,3	6	85,7	
	<b>TOTAL</b>	<b>21</b>		<b>6</b>	<b>28,6</b>	<b>15</b>	<b>71,4</b>	
Faixa Etária	13-14 (n=55)	5		1	20,0	4	80,0	0,6269
	15-17 (n=65)	16		5	31,3	11	68,8	
	<b>TOTAL</b>	<b>21</b>		<b>6</b>	<b>28,6</b>	<b>15</b>	<b>71,4</b>	
Pais trabalham	sim (n=112)	18		6	33,3	12	66,7	0,2367
	não (n=8)	3		0	0,0	3	100,0	
	<b>TOTAL</b>	<b>21</b>		<b>6</b>	<b>28,6</b>	<b>15</b>	<b>71,4</b>	
Menor trabalha	sim (n=19)	6		2	33,3	4	66,7	0,7599
	não (n=101)	15		4	26,7	11	73,3	
	<b>TOTAL</b>	<b>21</b>		<b>6</b>	<b>28,6</b>	<b>15</b>	<b>71,4</b>	

Ao analisarmos os 21 estudantes que declararam ter utilizado algum tipo de droga, encontramos um percentual de 28,6% (consistindo em seis estudantes) afirmando ainda usarem. Observando estes 21 estudantes de acordo com as variáveis sexo, faixa etária, pais trabalham e menor trabalha, não encontramos diferença significativa entre as respostas com relação às variáveis de perfil. Dentre os 28,6% que afirmam ainda fazer uso, há uma adolescente de 13 anos e cinco rapazes com idades entre 15 e 17 anos (TABELA 3).

A única estudante do sexo feminino a declarar ainda fazer uso de algum tipo de droga não definiu qual era, nem por que fazia uso e nem o que a levou a experimentar. Morava com os pais – ambos trabalhando, escrevia razoavelmente bem para a idade e estava correta com relação a idade/escolaridade. Declarou gostar de ‘bailes *funks*’ e de ficar com a

família. Descreveu como “minhas melhores qualidades e habilidades pessoais são, desenhar, escrever, arrumar a casa e usar shorts curtos” e afirmou que mentiria para encobrir uma transgressão sua ou de algum amigo ou colega. A facilidade de comunicação escrita a destacou dentre o grupo de 120 estudantes. Esta mesma estudante, afirma ter medo de estupradores e de tiroteio intenso no bairro onde mora e, ao responder se já havia sido convidada para algum trabalho ilícito ou fora da lei, negou, no entanto, afirmou que algumas características dela poderiam atrair “coisas ou pessoas que eu não quero”. Nas palavras da estudante,

“[...] quando fui comprar roupa no [...] fiquei apavorada com os homens falando coisas para mim, então peguei o ônibus e fui para casa”. (L.P. de A.).

Por fim, a mesma, afirma que “talvez eu possa ser autora de um livro, ou talvez design de moda” e que “estudo é tudo na vida”. A despeito de qualquer contradição que possa ter havido entre as falas e atitudes, muito natural para a idade, em pleno processo de reestruturação do sistema límbico, a estudante pareceu se comunicar bem e escolheu as respostas que desejava responder, deixando algumas em branco. A presença da família parece ser importante e reconhecida como boa e as relações pessoais – que protegeria mesmo sabendo de alguma transgressão – em momento algum foram citadas como ruins ou danosas. As situações de medo e insegurança estão relacionadas a saídas – “os homens falando coisas para mim” - e pessoas desconhecidas – “estupradores e tiroteios intensos”. Muito difícil afirmar se as declarações feitas são reais ou não, mas podemos perceber que estão relacionadas ao ambiente e pessoas desconhecidas.

As respostas colhidas neste caso demonstram claramente um indivíduo recém entrado na adolescência, percebendo restrições no ambiente e em algumas relações sociais. Precisamos lembrar como ponto importante a declaração voluntária de uso e manutenção de uso de drogas. Os outros cinco adolescentes que declaram ainda fazer uso, justificam da mesma maneira dizendo sempre que “podem deixar a qualquer momento”; “não me sinto viciado”. Analisando estes eventos vamos recorrer ao desenvolvimento sociointeracionista de Vigotski e às relações afetivas, descritas por Wallon, como essenciais no processo de aprendizagem. Quando a estudante relata preocupação com homens que a abordaram e com estupradores e tiroteio, afirma e reafirma o uso de drogas, podemos pensar que seria este um caso a ser aprofundado. Certamente conseguiu deslocar a atenção deste pesquisador e sensibilizará alguns leitores.

No perfil deste grupo de estudantes que declarou fazer uso de drogas (TABELAS 2 e 3), encontramos em maioria os meninos de 15 a 17 anos, cujos pais trabalham e o menor não. Ou seja, não é diferente do perfil encontrado da amostra completa quando estão em maioria os estudantes com este mesmo perfil. A única particularidade que podemos destacar é a diferença significativa entre as faixas etárias e o uso de drogas, quando adolescentes de 15 a 17 anos tendem a declarar mais frequentemente que o esperado terem tido alguma experiência no uso de algum tipo de droga.

Esta particularidade nos levou a pensar na relevância desta informação, ou seja, a frequência de cerca de 18% de adolescentes da amostra declarando já ter feito uso de drogas, ao menos uma vez (TABELA 2), fazendo-nos buscar na literatura informações similares. Para isso realizamos uma única busca no Google Acadêmico utilizando os termos "adolescentes" + "uso de drogas", com o objetivo de comparar nossos dados com as publicações mais recentes tratando deste assunto. Encontramos, desde 2011, cerca de 9.000 trabalhos acadêmicos publicados. Nos 20 primeiros trabalhos encontrados na busca, procuramos a porcentagem citada de adolescentes entre 12 e 18 anos, idade reconhecida pela Lei nº 8.069/90 (BRASIL, 2007c) e dentro do escopo da nossa amostra, daqueles que declaravam haver utilizado drogas, mais especificamente, álcool, tabaco e maconha, por serem estas as drogas presentes em todos os trabalhos. Encontramos em 14 dentre os 20 trabalhos, um percentual semelhante ao nosso, como pode ser observado na Tabela 4.

**Tabela 4:** Percentual encontrado em 14 diferentes trabalhos acadêmicos sobre adolescentes declarantes usuários eventuais de drogas lícitas e ilícitas numa busca à literatura utilizando o Google Acadêmico\*\*, desde 2011.

autores	ano da publicação	adolescentes que fazem ou fizeram uso de drogas alguma vez (%)	endereço eletrônico da publicação
Vieira, et al	2012	de 18,5 a 22%	< <a href="http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v21n3/08.pdf">http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v21n3/08.pdf</a> >
Tesmmer, et al	2014	14,4%	< <a href="http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/12727/11442">http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/12727/11442</a> >
Laranjeira	2007	17,3%	< <a href="http://www.scielo.br/pdf/rsp/v41n3/5705.pdf">http://www.scielo.br/pdf/rsp/v41n3/5705.pdf</a> >
Machado; Ferreira	2013	17,1%	< <a href="http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/cogitare/article/viewFile/33560/21057">http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/cogitare/article/viewFile/33560/21057</a> >
Pereira, et al	2014	9,0%	< <a href="http://www.scielo.mec.pt/pdf/ref/vserIVn2/serIVn2a06.pdf">http://www.scielo.mec.pt/pdf/ref/vserIVn2/serIVn2a06.pdf</a> >
Lima e Silva, et al	2012	17,9%	< <a href="http://www.facenf.uerj.br/v20n3/v20n3a11.pdf">http://www.facenf.uerj.br/v20n3/v20n3a11.pdf</a> >
Santos	2012	20,0%	< <a href="http://bvssp.icict.fiocruz.br/lildbi/docsonline/get.php?id=3369">http://bvssp.icict.fiocruz.br/lildbi/docsonline/get.php?id=3369</a> >
Malta, et al	2012	25,0%	< <a href="http://www.scielo.br/pdf/csp/v28n9/v28n9a11.pdf">http://www.scielo.br/pdf/csp/v28n9/v28n9a11.pdf</a> >
Santos; Pillon; Garcia	2011	até 7%	< <a href="http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19nspe/13.pdf">http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19nspe/13.pdf</a> >
Alves; Souza; Beserra	2014	até 10%	< <a href="http://www.scielo.br/pdf/ean/v18n2/1414">http://www.scielo.br/pdf/ean/v18n2/1414</a> >
Domingos, et al	2014	20,0%	< <a href="http://www.facenf.uerj.br/v21esp2/v21e2a09.pdf">http://www.facenf.uerj.br/v21esp2/v21e2a09.pdf</a> >
Morais Neto, et al	2011	20,0%	< <a href="http://www.scielosp.org/pdf/rbepid/v14s1/a14v14s1.pdf">http://www.scielosp.org/pdf/rbepid/v14s1/a14v14s1.pdf</a> >

World Health Organization e também Malta et al, num inquérito realizado pela OMS, entre adolescentes em mais de 40 países no mundo, mostrou que 18% dos jovens de 15 anos já haviam usado maconha durante algum período na vida.\*

<<http://gestaoesaude.bce.unb.br/index.php/gestaoesaude/article/download/420/pdf>>

\*World Health Organization (WHO). Inequalities in young people's health. Health Behavior in School- Aged Children. International Report from 2005-2006. Health Police for Children and Adolescents. No 5; 2008.

\*MALTA, Deborah; CARVALHO, Mascarenhas Márcio Dênis; MEDEIROS, Porto Denise Lopes; DUARTE, Eliane Aparecida; SARDINHA, Luciana Monteiro; BARRETO, Sandhi Maria et al. Prevalência do consumo de álcool e drogas entre adolescentes: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. **Rev. Bras. Epidemiol.** dez 2012. Disponível em: <http://tinyurl.com/ppq66vq>. Acesso jul 2014. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-790X2011000500014>.

\*\* Pesquisa realizada em 21 de julho de 2015.

De fato, o uso precoce de drogas na adolescência, pode gerar problemas quanto ao abuso e dependência de substâncias (FERIGOLO *et al*, 2004; STRAUCH; PINHEIRO, SILVA; HORTA, 2009; GALDURÓZ; NOTO; FONSECA; CARLINI, 2004, VIEIRA *et al*, 2007 apud De ALMEIDA *et al*, 2014, p. 66).

Consideramos um percentual elevado no caso da nossa pesquisa. Ainda mais sendo as respostas declarativas, ou seja, os jovens respondiam voluntariamente. Houve casos em que o indivíduo respondeu utilizar mais de um tipo de droga dentre as lícitas e as ilícitas ao mesmo tempo; embora para todos, já que são todos menores de idade, seja ilícito o uso.

Por outro lado, há a possibilidade de que os jovens que responderam negativamente quanto ao uso, tenham utilizado uma negação ineficaz, que é um tipo de diagnóstico de enfermagem descrito por Taylor *et al* (2014, p. 1566) como “tentativa consciente ou inconsciente de negar o conhecimento ou significado de um evento para reduzir a ansiedade, mas levando à prejuízo da saúde” ou que simplesmente não tenham desejado se expor. Acredita-se que essa negação, dá-se em grande parte pelo receio dos jovens em serem criminalizados ou pela falta de diálogo e de confiança entre os adolescentes pesquisados e adultos responsáveis.

A isso cabe trazer o filósofo, político e biólogo, Aristóteles (2008) para o diálogo, quando este afirma ser o homem um animal político. Os demais animais agem instintivamente, entretanto, o ser humano possui a capacidade de informar uma ação subjetivada para negar uma informação e ação real ou realizada. Verificamos que os estudantes, menores de idade, estão também se posicionando politicamente, utilizando uma negativa ao serem questionados sobre uma ação. Houve casos de adolescentes que, após responderem o questionário, em *off*, vocalizaram ao pesquisador haver usado ou estarem utilizando drogas; porém tiveram receio de escrever, temendo alguma represália. Dois chegaram a apagar a resposta afirmativa já dada e marcar a negativa. Outros detalharam no próprio questionário o motivo de haver usado, como, por exemplo, as falas de três adolescentes, a seguir.

“Usei porque estava com um grupo de amigos, onde todos faziam, menos eu. [...] Ser legal, no momento, e ‘descolada’.” (I.S.).

“Estava com os amigos e sempre quis saber a sensação. Experimentei maconha na escola e ‘loló’ num ‘baile funk’. Estava brigada com a família e sentia que só tinha os meus amigos e eles me deram.” (A.M.).

“Festas [referindo-se ao momento], continuo usando maconha, mas parei com ‘loló’ porque um amigo ‘deu uns negócios estranhos’...”. (G.T.).

Como afirma Bandura, Azzi e Polydoro (2008) os sujeitos são modelados pelo contexto, suas ações e influências. Não apenas Aristóteles e Bandura comungam no intrínseco dessa perspectiva, mas também Platão e Freud em sua obra **O mal-estar na civilização** (1930, 2011). Fica também esclarecido que tanto Platão (*op. Cit.*), quanto Aristóteles (2008) não faziam apologia do prazer momentâneo e artificial, mas sim afirmavam a existência desse e a submissão humana aos caprichos e diretrizes dos prazeres. Cabe também ressaltar que não estamos discutindo posicionamento hedonista ou estoico, mas sim o prazer como dispositivo que interfere nas ações e vida humana (ANDRADE, 1993).

Observa-se que a adolescência é de fato um período marcado por muitas mudanças físicas, cognitivas, comportamentais, como vimos em nossa introdução, e o uso de drogas aumenta a liberação de dopamina, criando artificialmente a sensação de prazer e satisfação, momentânea. A necessidade de repetir a sensação, muitas vezes, faz com que o jovem faça uso novamente da droga. Além disso, é um período de experimentação de novas sensações e de uma necessidade maior de aceitação social e diferenciação. São vários fatores que se somam. Estar em um ambiente onde se encontra com maior facilidade a droga, seja ela qual for, e ter a possibilidade de obtê-la, certamente influencia e favorece o uso. São atitudes pessoais, dependentes de relações sociais e modelos observados em casa, na escola, e na região onde se vive. Também não há possibilidade de julgar ou afirmar as ações de cada indivíduo somente pelo meio social que frequenta, principalmente sendo este um sujeito em formação.

A questão seguinte está, de certa forma, relacionada a esta primeira. A próxima pergunta, se o(a) jovem já havia sido convidado(a) para alguma atividade ilícita, seguiu-se de outra, utilizando um termo que se mostrou um pouco confuso para os indivíduos que participaram da pesquisa, se já havia se sentido ‘assediado(a) por práticas ilícitas’ (TABELA 5).

**Tabela 5:** Distribuição do grupo de 120 adolescentes de uma escola da Rede Estadual, referente a declaração sobre convite e assédio para participação de atividades ilícitas, dado relacionado às variáveis sexo, faixa etária, pais trabalhando e menor trabalhando. Niterói, RJ. 2013.



variáveis		n	%	n	%	n	%	p-value
		indivíduos		Já foi convidado		Nunca foi convidado		
Sexo	Masc. (n=69)	69	57,5	18	26,1	51	73,9	0,1715
	Fem. (n=51)	51	42,5	8	15,7	43	84,3	
	<b>TOTAL</b>	<b>120</b>	<b>100,0</b>	<b>26</b>	<b>21,7</b>	<b>94</b>	<b>78,3</b>	
Faixa Etária	13-14 (n=55)	55	45,8	7	12,7	48	87,3	0,0287*
	15-17 (n=65)	65	54,2	19	29,2	46	70,8	
	<b>TOTAL</b>	<b>120</b>	<b>100,0</b>	<b>26</b>	<b>21,7</b>	<b>94</b>	<b>78,3</b>	
Pais trabalham	sim (n=112)	112	93,3	23	20,5	89	79,5	0,2605
	não (n=8)	8	6,7	3	37,5	5	62,5	
	<b>TOTAL</b>	<b>120</b>	<b>100,0</b>	<b>26</b>	<b>21,7</b>	<b>94</b>	<b>78,3</b>	
Menor trabalha	sim (n=19)	19	15,8	7	36,8	12	63,2	0,08
	não (n=101)	101	84,2	19	18,8	82	81,2	
	<b>TOTAL</b>	<b>120</b>	<b>100,0</b>	<b>26</b>	<b>21,7</b>	<b>94</b>	<b>78,3</b>	

variáveis		n	%	n	%	n	%	p-value
		indivíduos		Já se sentiu assediado		Nunca se sentiu assediado		
Sexo	Masc. (n=69)	69	57,5	30	43,5	39	56,5	0,6967
	Fem. (n=51)	51	42,5	24	47,1	27	52,9	
	<b>TOTAL</b>	<b>120</b>	<b>100,0</b>	<b>54</b>	<b>45,0</b>	<b>66</b>	<b>55,0</b>	
Faixa Etária	13-14 (n=55)	55	45,8	20	36,4	35	63,6	0,0802
	15-17 (n=65)	65	54,2	34	52,3	31	47,7	
	<b>TOTAL</b>	<b>120</b>	<b>100,0</b>	<b>54</b>	<b>45,0</b>	<b>66</b>	<b>55,0</b>	
Pais trabalham	sim (n=112)	112	93,3	47	42,0	65	58,0	0,0123*
	não (n=8)	8	6,7	7	87,5	1	12,5	
	<b>TOTAL</b>	<b>120</b>	<b>100,0</b>	<b>54</b>	<b>45,0</b>	<b>66</b>	<b>55,0</b>	
Menor trabalha	sim (n=19)	19	15,8	11	57,9	8	42,1	0,2181
	não (n=101)	101	84,2	43	42,6	58	57,4	
	<b>TOTAL</b>	<b>120</b>	<b>100,0</b>	<b>54</b>	<b>45,0</b>	<b>66</b>	<b>55,0</b>	

\*p&lt;0,05

Este assunto foi dividido em duas etapas, na primeira a pergunta era se o estudante já havia sido convidado para algum ‘trabalho ilícito ou fora da lei’, mais adiante, no próprio instrumento de inquérito uma nova questão, dentro do mesmo contexto, porém com outro conceito, foi formulada e a pergunta passou a ser se já havia se sentido ‘assediado por práticas ilícitas’. Nos dois casos havia um espaço para que o estudante pudesse explicar ou justificar a escolha, caso desejasse.

A terminologia foi explicada detalhadamente aos estudantes ao distribuir o questionário e antes de iniciar o período de respostas e reforçada conforme a demanda exigia. No Dicionário do Aurélio *online* (2008-2015, *online*) encontramos como significado do vocábulo ‘convidar’, “Fazer ou mandar convite a; Instar; Solicitar; Atrair; Mover; Provocar; Incitar; Favorecer.”. Já para ‘assediar’ os significados podem ser, “por assédio, cerco a;

Perseguir com insistência; Importunar com tentativas de contato ou relacionamento sexual.”. (Aurélio *online*, 2008-2015).

Nos artigos jurídicos a definição é bem semelhante, com relação ao assédio. Ou seja, um assédio pode ser um tipo de convite e um convite pode ser inoportuno, mas a princípio não é assédio, já que este último pode ser compreendido como delito ou mesmo crime. Ao propor os dois termos em perguntas diferentes percebemos que alguns dos estudantes compreendem alguma diferença entre os termos. Verificando a definição do termo assédio nos dicionários compreendemos a confusão dos estudantes ao encontrá-lo no questionário. Foi preciso explicar mais detalhadamente que não se tratava única e exclusivamente de assédio sexual. Muitos dos estudantes, participantes da pesquisa questionavam este ponto e foram necessários alguns minutos dedicados à explicação sobre o conceito de assédio no sentido lato.

Assim, foram colhidas as respostas que estão organizadas na Tabela 5. Encontramos diferença significativa para as faixas etárias entre os que declararam ter sido convidados ou não a praticar atividades ilícitas. Os mais velhos, entre 15 e 17 anos, declararam receber mais convites, neste grupo (TABELA 5,  $p < 0,05^*$ ). O maior tempo de convivência social e a possibilidade de um círculo maior de conhecidos pela própria idade, aumenta a possibilidade de contatos e, portanto, de convites. O que não foi encontrado entre os que já sentiram ter sido assediados para alguma prática ilícita. Neste caso há diferença significativa entre o grupo cujos ‘pais trabalham fora’ (TABELA 5,  $p < 0,05^*$ ). Pouco menos de 94% dos estudantes declaram que os pais trabalham fora e os quase 7% restantes afirmam em quase 90% dos casos, já haverem sofrido algum assédio.

Neste mesmo grupo, particularmente relacionado à variável ‘pais que não trabalham fora’, onde 90% identificam terem sofrido assédio, cerca de 40% reconheceram também terem sido convidados a realizar práticas ilícitas. O tratamento aqui será mais qualitativo, valorizando as explicações sobre a situação de convite ou assédio, uma vez que o grupo de indivíduos envolvidos não passou de oito ou cerca de 7% do total da amostra. Dentre os que explicavam a situação e o momento do convite, alguns citaram os amigos como autores e situações inespecíficas, como por exemplo,

“Fui convidado em 2013, pela Internet, por um amigo.” (G.T.)

“Quando eu era menor estava conversando com meu primo e ele me chamou.” (L.A.)

“Quando eu andava com usuário de drogas, mas nunca precisei disso para viver, sabia que era errado.” (L.L.M.)

“Há dois anos na casa de uma prima, me convidaram para fumar.” (A.C.M.)

Mais uma vez observamos as relações sociais e o ambiente trazendo referências de tendência e comportamento, assim como constatamos em depoimentos relativos ao uso de drogas. É preciso notar que nem sempre os convites e a convivência serão determinantes para que se concretizem as ações. Mas estes trarão as oportunidades, conforme as falas dos participantes da pesquisa nos mostram.

Outros citaram situações de trabalho ilícitos,

“Fui [convidado] por um amigo. Quando eu estava na escola ele me chamou para trabalhar em um lugar onde se faziam roupas e calçados falsificados.” (M.T.S.)

“Foi ocorrido no Ensino Médio, quando me convidaram para roubar uma loja.” (C.S.M.S.)

“Me chamou para entrar na boca.” [referindo-se à convite para trabalhar em ‘boca de fumo’ da comunidade] (P.H.).

“Roubo, foi uma loja de doces, eu tinha 12 anos e estava querendo levar um lanche para a escola.” (I.S.)

“Boca [referindo-se a ter sido convidado a trabalhar na boca de fumo da comunidade], ano passado”. (R.S.)

Poucos foram os que explicaram a situação, uma vez que esta explicação era voluntária, como detalhado pelo pesquisador antes do início da atividade. No entanto, os que responderam, afirmaram terem recebido convites que variavam de fumar a roubo ou furto e até trabalhar na boca de fumo. Dentre os 26 convidados, sete tinham menos de 15 anos e 19 estavam na faixa de 15 a 17 anos. Alguns afirmavam, como I.S., terem sido convidados antes mesmo dos 13 anos.

Nenhum estudante descreveu situações de assédio, embora alguns tenham citado em outros momentos, como resposta dada para uma provocação colocada no questionário junto à pergunta objetiva se haviam recebido convites: se considera que houvesse “algum motivo para que aconteçam convites mal-intencionados”,

“[...] quando fui comprar roupa no [...] fiquei apavorada com os homens falando coisas para mim, então peguei o ônibus e fui para casa”. (L.P. de A.).

“[...] antes eu era tímida e ficava quieta, não falava com muitas pessoas [...]. Sofria *bullying* e me chateava à toa. Deixava as pessoas falarem o que queriam sem me defender.” (C.L.C.)

Note-se que o percentual de estudantes que afirmaram terem sido ‘convidados’ foi de 21,7%, (26) e os que afirmaram ter sofrido ‘assédio’ foi de 45% (54), aqui estão incluídas as respostas comuns às duas perguntas que somaram um total de 25, ou seja, 21% já foram

convidados e já se sentiram assediados a realizarem atividades ilícitas. Por outro lado, considerando o total de 120 estudantes, 53% declararam nunca ter sido assediados e não terem sido convidados, concomitantemente. Apenas um estudante que declarou nunca ter sido assediado, reconheceu ter sido convidado, embora sua explicação voluntária para convite de trabalhos ilícitos não deixe muito clara a sua compreensão sobre a pergunta, quando responde: “Há dois anos na casa de uma prima, me convidaram para fumar.” (A.C.M.).

Em **A Formação Social da Mente**, Vigotski trata, em determinado ponto, especificamente da relação dos seres humanos com seu ambiente físico e social. Segundo o autor “Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos”, daí a proposta sociointeracionista, o indivíduo deve interagir com o ambiente e com outros seres humanos para desenvolver-se cognitivamente (VIGOTSKI, 1984).

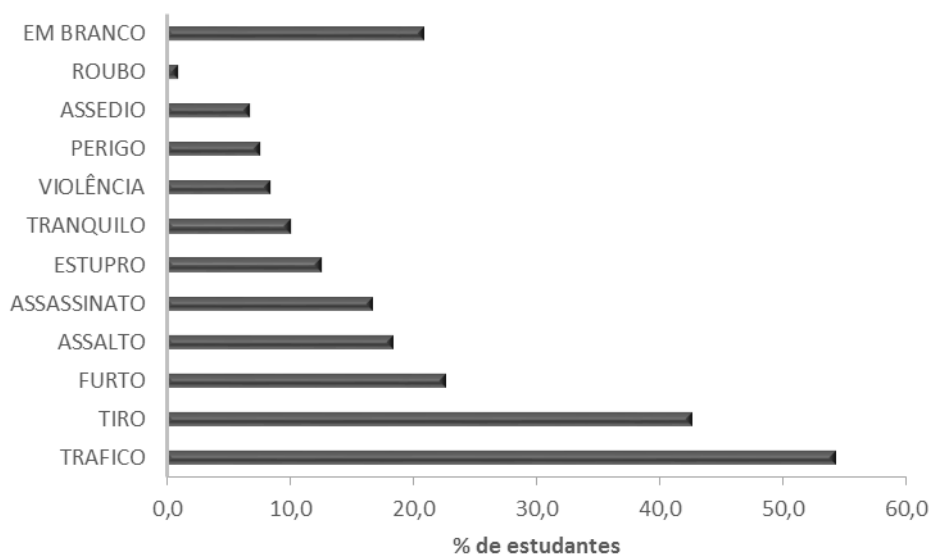
A interação cultural de sujeitos com outros menos experientes, com mais experientes e com seus pares é parte essencial da abordagem vigotskiana, especialmente quando vinculada ao conceito de internalização. “O processo de internalização, com todas as suas particularidades, caracteriza-se como uma aquisição social onde, partindo do socialmente dado, processamos opções que são feitas de acordo com nossas vivências e possibilidades de troca e interação” (MARTINS, 2013).

Finalizando as observações referentes às tabelas, devemos nos voltar para os 19 estudantes, consistindo em 16% da amostra, que declararam trabalhar além de estudar, como pode ser visto na linha 11, variável “Menor trabalha” nas Tabelas 2, 3 e 5. O trabalho aqui declarado provavelmente é informal, ou seja, não possibilita assinatura em carteira de trabalho, nem direitos. Em geral são serviços pequenos e de muita atividade nas ruas, o que os coloca sempre em contato com muitos tipos de ambiente e pessoas. Esta exposição excessiva, o esforço realizado no trabalho e o tempo de estudo tomado são fatores que devem ser avaliados ao contratar um menor de 18 anos. À exceção de estágios ou outros trabalhos de formação ou supervisionados, o menor de 16 anos e maior de 14 anos não poderia, por Lei, estar em atividade profissional (BRASIL, CRF, art. 7º, inciso XXXIII, 2010).

Neste grupo, de menores trabalhadores, cerca de 16% (TABELAS 2, 3 e 5, linha 11, coluna 3) trabalham e, dentre estes, cerca de 32% declaram já ter feito uso de algum tipo de droga (TABELA 2, linha 11, coluna 6). São duas situações preocupantes e que podem comprometer o desenvolvimento físico e cognitivo destes adolescentes. Passamos para a próxima proposição, onde o pesquisador pediu aos estudantes que citassem cinco coisas que lhes chamavam a atenção em seu bairro e que lhes causavam certo medo (FIGURA 2). A

proposta não precisou ser explicada e foi rapidamente respondida. O objetivo era ter exemplos que pudessemos utilizar como categorias. O que mais se evidencia nas respostas é o contato direto e indireto com a violência e crimes.

**Figura 2:** Organização das respostas obtidas na questão “Cinco coisas que te chamam atenção no seu bairro ou te causam medo”, incluída no questionário aplicado a 120 estudantes da Educação Básica da rede Estadual do município de Niterói/RJ para esta pesquisa em 2013.



As palavras mais utilizadas como algumas das “cinco coisas” que chamam atenção ou causam medo estão elencadas na Figura 2. Considerando que 10% dos participantes da pesquisa citaram a palavra ‘tranquilo’ para descrever o bairro, e 20% deixaram a resposta em branco, os outros 70% utilizaram os termos colocados na Figura 2, como por exemplo, ‘tráfico’, ‘tiro’, ‘furto’, ‘assalto’ para descrever o que chama atenção e causa ‘certo’ medo em seus bairros.

Esta era uma questão aberta, embora a solicitação fosse bem objetiva. A possibilidade de escrever livremente permitiu aos estudantes algumas respostas mais elaboradas, como as que podemos ver a seguir, na Figura 3.

**Figura 3:** Amostras de respostas dos estudantes à questão “Cinco coisas que te chamam atenção no seu bairro ou te causam medo”, incluída no questionário aplicado a 120 estudantes da Educação Básica da rede Estadual do município de Niterói/RJ para esta pesquisa em 2013.

Diga 05 coisas que mais te chamam a atenção no bairro em que você mora ou que te causa certo medo?

Violência, tráfico, má relação entre as pessoas, o uso de drogas e policial prendendo pessoas que não tem nada haver com nada.

“Violência, tráfico, má relação entre as pessoas, o uso de drogas e policial prendendo pessoas que não tem nada ‘haver’ [sic] com nada”.

Diga 05 coisas que mais te chamam a atenção no bairro em que você mora ou que te causa certo medo?

O que mas me chama atenção é ver a polícia entra na favela dando tiro nos bandidos e acerta morador que não tem nada haver.

“O que mas [sic] me chama atenção é ver a polícia entra [sic] na favela dando tiro nos bandidos e acerta [sic] morador que não tem nada ‘haver’ [sic].”

Diga 05 coisas que mais te chamam a atenção no bairro em que você mora ou que te causa certo medo?

os tiros, os traficantes, as brigas, as mortes e as confusões entre os vizinhos.

“os tiros, os traficantes, as brigas, as mortes e as confusões entre os vizinhos.”

Diga 05 coisas que mais te chamam a atenção no bairro em que você mora ou que te causa certo medo?

Chamam minha atenção: as árvores, as lojas.

O que me dá medo: Bandidos com armas e fuzis na escadaria.

“Chamam minha atenção: as árvores, as lojas. O que me dá medo: bandidos com armas e fuzis na escadaria.”

Nos exemplos colocados na Figura 3 percebemos a frequência com que os estudantes se referem à presença de brigas, armas e ao fato de atingirem pessoas não envolvidas em crimes ou questões violentas. A observação direta de ações violentas certamente pode levar a repetição por parte dos estudantes por observação de modelo, segundo Bandura.

O medo, vivenciado por estes estudantes e que esteve presente no enunciado desta questão, se apresenta na Figura 3 na forma de situações que podem estar relacionadas ao medo primal da morte, como discutido por Zygmunt Bauman (BAUMAN, 2008, p. 35 a 73). Todas as principais categorizações assinaladas pelos estudantes abordam situações em que a ameaça de morte é iminente. Os outros medos que permeiam a sociedade moderna discutida

neste livro não surgem como fatores importantes na vida desses estudantes. É preciso ter em mente que as situações citadas são rotineiras, como aparece bem nas descrições colocadas como exemplos de respostas na Figura 3. Muitas delas citadas como situações que vivenciam na vizinhança e com frequência.

Mais uma vez, cabe invocar a questão do medo. Os mais de 20 tipos de medos adicionados ao *Fear Survey Schedule for Children and Adolescents-II* (FSSC-II) (BURNHAM,1995, 2000) vieram de situações também mencionadas pelos adolescentes que participaram da nossa pesquisa como relatos de violência, abuso sexual e crimes violentos. Assim, estes, como muitos outros adolescentes pelo mundo, sofrem com as mudanças inevitáveis da Era Moderna. Freud, em 1930, ao escrever o **Mal-estar da civilização** já afirmava existir um antagonismo entre as exigências da pulsão e as da civilização, onde a agressividade e a vida sexual precisam ser constantemente reprimidas.

A pergunta não é se as situações citadas pelos adolescentes são evitáveis, mas o quanto a percepção destes eventos podem prejudicar seu comportamento e processos de aprendizagem. A questão que se coloca ao educador é como poderemos tratar desta questão para melhorar o processo de aprendizagem do estudante submetido à esta situação, como não deixar que este medo primal, que tem a função biológica de autoproteção não seja excessivo a ponto de bloquear suas ações. Que sejam também encarados como problemas, mas passíveis de serem resolvidos.

Relacionando os dados colhidos, parece haver reciprocidade entre os resultados das Tabelas 2, 3 e 5 e as respostas observadas nas Figuras 2 e 3. A presença deste ambiente descrito como violento, repleto de ações ilícitas e medo aparece quando questionamos eventuais convites e assédio para atividades ilícitas. O uso ou não de drogas também foi relacionado pelos próprios estudantes com o ambiente quando citam os momentos em que os próprios colegas e vizinhos oferecem a droga ou convidam para trabalhar na ‘boca de fumo’ da comunidade. No entanto, enquanto 18% admitem terem utilizado algum tipo de droga, ao menos uma vez, cerca de 45% reconhecem ter sofrido algum tipo de assédio. Neste caso a atitude passiva é mais segura, isto fica evidente nas respostas declarativas.

Os riscos da internalização e reprodução da violência como um produto do meio, ao qual Vigostki e Bandura se referem ao afirmarem a influência do meio e das relações sociais para o desenvolvimento do indivíduo, são uma realidade na vida destes adolescentes. Se fizermos uma análise reflexiva no sentido pedagógico e psicológico do fenômeno da violência, sua ação, extensão, impacto e forma modeladora nos indivíduos aprendizes, fica

notório que o meio social em que vivemos (seja o bairro, a comunidade ou a escola), contribui significativamente para o nosso desenvolvimento, conforme Vigotski e Bandura (VIGOTSKI, 1989 apud SIRGADO, 2000; BANDURA; AZZI; POLYDORO, 2008) bem expuseram.

Por todos esses fatos entendemos na concepção de Freire (2010), em sua obra **A Pedagogia do Oprimido**, que a escola deveria ser um local que fosse favorável a uma aprendizagem significativa, que despertasse a criatividade, curiosidade e afetividade entre os envolvidos no processo de educação, inclusive que a mesma fosse carregada de diálogo e respeito entre educando e educador. Piaget nos diz que o indivíduo aprende e se desenvolve por meio de um ciclo onde sai de um período de equilíbrio, induzido pela inserção de algum fator que não pode ser assimilado em sua rede cognitiva e entra em desequilíbrio, necessitando de uma série de eventos para obter o retorno ao equilíbrio, de acordo com um amadurecimento interno e com a obtenção de novos conhecimentos e com influência do meio que fornece informações constantes em variados formatos e Wallon defende ser o aprendizado intrínseco à afetividade.

Como os profissionais da educação, que atuam na escola devem lidar com uma situação extrínseca à escola e que tem tanta relação com o aprendizado e o comportamento dos estudantes? Muitas ações são propostas por grupos de apoio às comunidades como ações esportivas e culturais. Ações oficiais dos governos também podem ser observadas, embora sejam frequentemente descontinuadas. Em busca de uma visão mais otimista e com foco em mudanças, fomos perguntar aos estudantes ‘o que esperam da escola’ e ‘o que mudariam na escola’. As respostas foram, muitas vezes, emocionantes. Colocamos aqui alguns exemplos,

**Tabela 6:** Exemplos de respostas dos adolescentes de uma escola da Rede Estadual, referente às questões “o que espera da escola” e “o que mudaria na escola”. Niterói, RJ. 2013.

O que espero da escola	O que mudaria na escola
Da escola eu espero segurança, acolhimento. Dos professores espero o máximo de paciência para que possam passar para nós, estudantes, tudo que sabem (C.L.C.).	A única coisa que eu mudaria: a escola poderia ter aulas de música e dança. Só isso! Na escola onde estudo, graças a Deus não há brigas e todos se dão muito bem uns com os outros (C.L.C.).
[Da escola] espero uma boa base para ingressar na faculdade, mas na minha opinião isso não ocorrerá [...] (C.S.M.S.),	[Mudaria] a estrutura e o ensino (C.S.M.S.).
É na escola que aprendo fazer [sic] os deveres e me ajuda através dos estudos. Posso ter um futuro muito bom e não consigo me ver longe da escola (D.S.).	Não mudaria nada (D.S.).



Talvez possa ser autora de um livro, ou talvez um designer de moda (L.P. de A.).	[Mudaria] alguns professores da escola. Porque em algumas aulas tem mais brincadeira que ensino (L.P. de A.).
Espero que me ofereça mais respeito e mais estudo. (L.S.)	-
Espero que ela [a escola] ensine melhor. Não que não ensine, mas dá [sic] um reforço (R.C.).	Mudaria a escola inteira, porque isso não é uma escola bem formada (R.C.).
[Espero] uma qualidade melhor de vida (T.E.C.).	Eu mudaria tudo. Começando pelos estudantes, as formas das aulas e algumas regras não necessárias que existem (T.E.C.).
Eu espero da escola mais atenção em alguns fatos que acontecem pela escola. E os estudos, mais atenção com alguns estudantes (M.T.S.).	Eu mudaria o tratamento com os estudantes e as atitudes do diretor da escola (M.T.S.).
Nada, só espero um diploma, porque sei que ela não vai me dar mais que isso. O diploma vai me ajudar a poder conseguir um emprego e ganhar bolsa na faculdade (I.S.)	Tiraria um pouco o conteúdo textual e usaria mais o diálogo!!! (I.S.)
Eu estando no 2º ano do EM, espero que a escola me dê base para um vestibular, principalmente que os professores se esforcem para nos dar o melhor possível e que nós estudantes colaboremos para isso (A.C.M.).	[Mudaria] alguns professores e estudantes. Porque seria tudo melhor se alguns professores se esforcassem a nos ensinar e todos os estudantes se esforcassem a aprender [sic] (A.C.M.).

Se encontramos os que declaram desejar somente um diploma, há também os que buscam compreensão e acolhimento. A formação como cidadão e profissional também é esperada. Por outro lado, alguns citam mudanças na estrutura da escola, como C.S.M.S. e R.C., mas muitos gostariam de ver a mudança de postura dos profissionais que atuam na escola como por exemplo, as respostas de L.P. de A., M.T.S. e A.C.M.). Muitos mudariam os próprios colegas, as críticas aos pares também são contundentes, suas posturas e disposição para a participação nas aulas. Outros parecem emitir um pedido de socorro – “[...] usaria mais o diálogo!!!”; “[mudaria] Ensino!!!”. A presença das várias exclamações ao final da frase caracteriza uma urgência na mudança. A solicitação explícita por ‘diálogo’ caracteriza a distância entre o estudante e seus professores. Nem foi específico para um determinado professor. A solicitação não direcionada demonstra a abrangência do problema de não comunicação.

Muitos nem mesmo responderam essas questões, mas os que responderam demonstraram a necessidade de aprender... ou de levar dali alguma coisa, como se a passagem pela escola fosse responsável por uma vida diferente, como se fosse este período o responsável por uma vida cheia de realizações, como nos faz entender a resposta de D.S, “Posso ter um futuro muito bom e não consigo me ver longe da escola.” ou de T.E.C., “[Espero] uma qualidade melhor de vida”. Por outro lado, há os desesperançados como C.S.M.S. quando responde, “[Da escola] espero uma boa base para ingressar na faculdade,

mas na minha opinião isso não ocorrerá [...]” ou I.S., de apenas 13 anos, quando responde, “Nada, só espero um diploma, porque sei que ela não vai me dar mais que isso. O diploma vai me ajudar a poder conseguir um emprego e ganhar bolsa na faculdade.”

Por estes últimos e por tantos outros como R.C., por exemplo, que responde “Mudaria a escola inteira, porque isso não é uma escola bem formada.” quando questionado sobre as mudanças que desejaria ver na escola, é que devemos nos preocupar. Ao desacreditar na escola como instituição formadora e apoiadora do desenvolvimento, estes e outros estudantes estão interiorizando a crença de que não é na escola que vão encontrar alguma mudança, crescimento, preparação para a vida adulta. Se o bairro é visto como violento, assustador e a escola é incapaz de mudar qualquer padrão na vida dele, qual será o ponto de referência para mudança? Ao encontrar respostas que tornavam tão explícitas e urgentes as mudanças na escola, colocamos a proposta de um projeto com uma atividade pedagógica que propõe uma aproximação entre professores e estudantes e dá uma maior relevância à fala do adolescente, aqui tão expressiva.

### **Considerações finais**

Diante dos fatos apresentados na proposta, da apresentação e exposição dos dados e suas análises à luz dos teóricos, pode-se observar três questões de suma importância para a implementação de políticas públicas e a interferência do poder público com instrumentos que possam amenizar o impacto da violência na vida dos estudantes das regiões consideradas de risco e conflito. E são elas (1º) ou tais impactos podem afetar o aprendizado, desenvolvimento e a vida psíquico-social de tais estudantes; (2º) ou a exposição extrema da violência e seus impactos podem realizar apelos e ou distúrbios na vida desses indivíduos/sujeitos (que são crianças, adolescentes e jovens) para a reprodução de violências e (3º) estariam esses estudantes carentes de acompanhamento de um profissional da saúde especializado a ajudá-los a superar inúmeros traumas que os mesmos possam estar vivendo e ou sofrendo?

Se observamos à luz dos teóricos e os dados obtidos poderíamos afirmar que sim, e que inclusive a educação pública no Estado do Rio de Janeiro próximas a regiões conflituosas, os estudantes em suas falas e manifestações, estão a pedir socorro ao poder público. Uma vez que, o percentual que percebe e sente o impacto da violência é estarrecedor e problemático. Isso se levarmos em conta que os dados e a análise são apenas de uma única escola da região, bem como de um percentual de 25% de um total de 480 alunos com faixa

etária de 13 a 17 anos. Logo outras indagações e questões são levantadas, tal como: e os demais 75% dos alunos como estariam suas percepções, descrição e impacto da violência sobre eles? E como estariam tais percepções de outros alunos das demais escolas da região da zona norte do referido Município? Já que em tal região constam mais de 10 escolas da rede estadual.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. C.. **A qualidade de vida no estado do Rio de Janeiro**. Niterói : EDUFF. 1997. 128 p.
- ANDRADE, R. G. de. **Platão: O Cosmo, o Homem e a Cidade**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- ARENDT, H.. **Da Violência**, Trad. Maria Cláudia Drummond Trindade. Ed. Universidade de Brasília, 1985.
- ARISTÓTELES. **A Política**. Trad. GUIMARÃES, T. Editora: Martin Clarent, 2008.
- BANDURA, A.; AZZI, R.G.; POLYDORO, S.A. **Teoria Social Cognitiva: Conceitos básicos**. Artmed, 2008. 177 p.
- BATAILLE, G.. **O erotismo**. Tradução de Antonio Carlos Viana. — Porto Alegre : L&PM, 1987. 260 p.
- BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1999.
- \_\_\_\_\_. **O medo líquido**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2008.
- BOGDAN, R. C., BIKLEN S. K.. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Traduzido por Maria João Alvarez, Sara B. dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Editora: Porto. 1994. 334 p.
- BRASIL. **Lei nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. 2007c. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069Compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm). Acesso em mai 2015.
- BRASIL. SENADO FEDERAL. **Constituição da República Federativa do Brasil (CRF)**. Texto consolidado até a Emenda Constitucional nº 66 de 13 de julho de 2010. Artigo 7º, inciso XXXIII e Artigo 227. Título VIII - Da Ordem Social - Capítulo VII - Da Família, da Criança, do Adolescente, do Jovem e do Idoso. Disponível em: <http://tinyurl.com/o5vpl4j>. Acesso abr 2015.

- BURNHAM, J. J. Contemporary fears of children and adolescents: Coping and resiliency in the 21st century. *Journal of Counseling & Development*, v. 87, n. 1, p. 28-35, 2009 apud
- CANDAU, V. M. Direitos Humanos, violência e Cotidiano escolar. In: **Reinventar a escola**. Petrópolis, RJ, 2001.
- CARVALHO, M. J. L. Do outro lado da cidade: crianças, urbanização e violência na área metropolitana de Lisboa. **Sociologia, Problemas e Práticas** [Online], 72, 2013. Disponível em: <http://spp.revues.org/1209>. Acessado em nov 2015. Acesso em nov 2015.
- CLASTRES, P. **Arqueologia da Violência**. Pesquisas de Antropologia Política, São Paulo, Cosac & Naify. 2004. 223 p.
- DAVIE M. R., La Guerre dans les sociétés primitives, Paris: Payot, 1931 apud CLASTRES, P. **Arqueologia da Violência**. Pesquisas de Antropologia Política, São Paulo, Cosac & Naify. 2004. 223 p.
- DE ALMEIDA, R.M.M.; TRENTINI, L. B.; KLEIN, L. A.; MACUGLIA, G. R.; HAMMER, C.; TESMMER, M. **Uso de Álcool, Drogas, Níveis de Impulsividade e Agressividade em Adolescentes do Rio Grande do Sul**. *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v. 45, n. 1, pp. 65-72, jan-mar 2014.
- DELEUZE, G.. **Conversações**. Editora 34, 1992. 226 p. Disponível em [https://books.google.com.br/books?id=OTqxKowhyPgC&hl=pt-BR&source=gbs\\_navlinks\\_s](https://books.google.com.br/books?id=OTqxKowhyPgC&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s). Acesso em ago 2015.
- Dicionário do Aurélio *online*. © 2008 - 2015 Disponível em <http://dicionariodoaurelio.com/#>. Acesso jun 2015.
- FIELDING, N. G. & FIELDING, J. L.. Linking data. Newbury Park, CA: Sage. 1986 apud BOGDAN, R. C., BIKLEN S. K.. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Traduzido por Maria João Alvarez, Sara B. dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Editora: Porto. 1994. 334 p.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir – História da Violência nas Prisões**. 40ª Edição – Ed. Vozes, 2012.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- FREUD S. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. Ed. Companhia das Letras, 2011.
- GUNDALINI, Bruno e TOMIZAWA, Guilherme. Mecanismo Disciplinar de Foucault e o Panóptico de Nentham na Era da Informação. ANIMA: **Revista Eletrônica do Curso de Direito das Faculdades OPET**. Curitiba PR - Brasil. Ano IV, nº 9, jan/jun 2013.

- MARTINS, J. C.. Vygotsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula: Reconhecer e Desvendar o Mundo. **Centro de Referência em Educação Mario Covas – Governo de São Paulo. Caderno Ideias**, n. 28, p. 111-122. 2013. Disponível em [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_28\\_p111-122\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p111-122_c.pdf). Acesso em nov 2015.
- MERCURIO, J. A.. Community involvement in cooperative decision making: Some lessons learned. *Educational Evaluation and Policy Analysis*, v. 6, p. 37-46 1979. apud BOGDAN, R. C., BIKLEN S. K.. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Traduzido por Maria João Alvarez, Sara B. dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Editora: Porto. 1994. 334 p.
- PANSARELLI, D.; PIZA, S. **Filosofia e Modernidade. Reflexão sobre o conhecimento**. Ed. Metodista. SP. 2013.
- PATTON, M. Q.. *Qualitative evaluation and research methods*. Newbury Park, CA: Sage. 1990 apud BAPTISTA, M.. **Concepção e implementação de actividades de investigação: um estudo com professores de física e química do ensino básico**. Tese de Doutoramento não publicada, Universidade de Lisboa, Instituto de Educação, Lisboa. 2010. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/1854>. Acesso em ago 2015.
- PIAGET, Jean **A Equilíbrio das Estruturas Cognitivas - Problema Central do Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- TAYLOR, C. R.; LILLIS, C.; LEMONE, P.; LYNN, P. **Fundamentos de Enfermagem: A Arte e a Ciência do Cuidado de Enfermagem**. 7a.ed. Artmed Editora, 2014. 1769 p.
- VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1984.
- \_\_\_\_\_. Concrete human psychology. *Soviet Psychology*, v. 27, n. 2, p. 53-77. Mar-Apr 1989. In SIRGADO, A.P. The social and the cultural in VIGOTSKI's work. **Educação & Sociedade**, v. 21, n. 71, p. 45-78, 2000.